



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

AUTOBIOGRAFIA E LEITURA: AS VIAGENS PROIBIDAS DE JOSUÉ GUIMARÃES

AUTOR PRINCIPAL: Eduarda Vieira Martinelli

CO-AUTORES: Miguel Rettenmaier

ORIENTADOR: Miguel Rettenmaier

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

O desejo de esboçar um registro autobiográfico manifestou-se nos manuscritos de Josué Guimarães nos momentos iniciais do roteiro do que seria o romance *Camilo Mortágua*, publicado em 1980. Na fase pré-redacional da narrativa, Guimarães pensou em inserir na trajetória do protagonista alguns episódios de sua vida, em particular de suas experiências políticas. Tal projeto, no romance, porém, jamais foi concluído. O *Camilo Mortágua* definitivo nada tem de seu criador. Há, contudo, outro empreendimento autobiográfico de Josué Guimarães, ainda jornalista, nos anos 50. É sua primeira obra, *As Muralhas de Jericó*, registro de sua viagem como primeiro jornalista brasileiro em visita à China e à União Soviética. O livro, censurado e publicado postumamente, é uma retrospectiva em prosa produzida por alguém sobre sua existência, o que se caracteriza, segundo Lejeune, como autobiografia. Texto sem fontes primárias – possivelmente eliminadas pelo autor durante a ditadura militar –, mostra um espaço tanto proibido quanto mítico – logo, espaço de criação. Mais do que relato de viagens, revela um território com feições de utopia, conforme as ideologias do autor. Assim, interessam suas leituras, preparatórias para sua *antropodiceia* particular, já que o registro autobiográfico está “contaminado” de posições políticas assumidas. A biblioteca particular do autor, guarnecida pelo ALJOG/UPF, é campo de investigação sobre as tendências políticas que o mobilizam em leituras prévias à viagem. Este trabalho discute o empreendimento autobiográfico de Josué Guimarães com base em sua obra censurada e também no que se percebe de suas leituras relacionados ao socialismo, em sua biblioteca particular, em especial no livro *URSS, uma nova civilização*, de Sidney e Beatrice Webb.

DESENVOLVIMENTO:

O primeiro livro escrito por Josué Guimarães é, justamente, o primeiro censurado. Produzido em junho de 1952, após a viagem do autor à China e à União Soviética, em março e abril do mesmo ano, como correspondente especial do jornal *Última Hora*, o relato do autor investe em um território ideológico proibido no contexto de uma política brasileira com profundas conturbações. Vargas no poder oscila entre a manutenção do populismo nacionalista e a flexibilização ideológica, permitindo a volta dos comunistas às direções sindicais. O cenário, de qualquer forma, desagrade aos interesses conservadores, representados pela UDN. Assim, qualquer manifestação fora dos limites da prudência deve ser contida, quanto mais

quando essa manifestação se registra em um livro de posições socialistas reconhecíveis, no momento em que a União Soviética, no plano econômico, eleva-se à situação de potência mundial. O idealismo de Josué Guimarães, assim, representa perigo, ao registrar as observações e experiências do autor com tom de depoimento, mesmo que francamente imolado na isenção pelas posições políticas de Josué Guimarães em seu trânsito rápido por “paisagens sucessivas e em transformação” (REMÉDIOS, 2004, p. 296). Contudo, apesar de jornalístico, o que lhe há de parcial compõe-se, de certa forma, já no terreno do literário. Fora do factual, a imaginação atua e a linguagem se estetiza, sobretudo pela ironia das comparações entre o Brasil e os lugares visitados, em uma dicção que, humanizando tanto a realidade quanto o discurso, compõe um discurso energizado mais pela subjetividade do que pela objetividade de um relato referencial.

Philippe Lejeune, reconhecendo as dificuldades de definir a autobiografia, procura situar-se no lugar de um leitor de hoje, pois, segundo ele, nessa posição podemos “captar con más claridad el funcionamiento de los textos”, já que “somos nosotros [os leitores] quienes los hacemos funcionar” (LEJEUNE, 1991. p.47).

Anterior, porém, à atuação do leitor de *As muralhas de Jericó*, a leitura do autor se apresenta no processo de construção da obra, sob outras condições. Antes de visitar os terrenos mais próximos de sua utopia, fora do Ocidente capitalista burguês, Josué Guimarães possivelmente tenha conhecido uma União Soviética “prévia”, ainda sem embarcar, sem mesmo sair de casa, em sua biblioteca, ao fazer leituras de livros que bem poderiam ser tão proibidos quanto *As muralhas de Jericó*.

Em 2013 foi oferecida aos cuidados do ALJOG/UPF pelos herdeiros, parte da biblioteca pessoal de Josué e Nydia Guimarães em um total de aproximadamente 308 volumes, neste momento em estágio de higienização, após aquisição em 2014 de maquinário específico via Edital CAPES Pró-equipamentos 2013. Os volumes compreendem obras da literatura brasileira, latino-americana, portuguesa, clássicos da literatura universal, enciclopédias, estudos historiográficos, dentro outros tantos gêneros. Dentre eles chama a atenção um volume antigo e danificado, com uns poucos sublinhados. Trata-se de um exemplar de *URSS, uma nova civilização*, de Sidney e Beatrice Webb, publicado no Brasil em 1945 e orientado, pelo que se percebe, pela euforia quanto ao socialismo soviético. Nesse exemplar, estão grifadas duas passagens que podem representar a opinião pessoal do escritor.

Para Josué Guimarães, a partir daquilo que podemos observar através de seus estudos, um “povo altamente politizado e culto” (GUIMARÃES, 2001, p. 123) como o soviético não representa uma alteridade ameaçadora, mas a realização de uma utopia ainda distante da realidade de seu país e mais: uma possibilidade enriquecedora de contato, até em termos econômicos, com a efetivação de possíveis acordos comerciais. A incapacidade de comunicação, contudo, a muralha construída, em lugar de nos proteger do dito inimigo, nos impediria de evoluir por força de nossos pretensos aliados ou das potências ocidentais do nosso lado. Sua voz, assim, como jornalista e testemunha, reconhece a própria debilidade. Assim, para o autor, as memórias de viagem serviriam para talvez remover ao menos uma pedra da muralha, o que bastaria para que “duas mãos se apertassem, fraternalmente, iniciando uma era de compreensão e boa vontade” (GUIMARÃES, 2001, p. 27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A narrativa autobiográfica, investimento de um eu no sentido de encontrar-se em uma representação estável de si, foi, no primeiro livro de Josué Guimarães, *As muralhas de Jericó*, um projeto cuja referência jornalística dissimulava o impulso literário de um idealista político. Na juventude, possivelmente mobilizado por leituras que abasteciam seu desejo de mudança, a utopia revestiu-se de um relato de viagens para, no limite entre o histórico e o literário, tentar interferir na realidade, alterando o futuro da sociedade. Pela força e pelos perigos de sua esperança, foi silenciado. Décadas depois, em *Camilo Mortágua*, romance de forte orientação histórica e, de certa forma, um levantamento político e econômico da sociedade gaúcha do século XX, o passado, visto pela maturidade do escritor, fez retirar-se do conflito a biografia do autor, como fosse ela uma força ineficaz para qualquer resolução. De certa forma, no romance, está

silenciada a utopia quando se revisita a história. O passado revisto pode ter mais de desencanto do que de esperança em uma nova civilização.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Josué. *As muralhas de Jericó* - Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50. Introdução, Edição e Notas de Maria Luíza Ritzel Remédios. Porto Alegre: IEL; L&PM, 2001.

_____. *Camilo Mortágua*. Porto Alegre, L&PM, 1982.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: *Anthropos: La autobiografía y sus problemas teóricos - Estudios e investigación documental*, Barcelona, n. 29, dez. 1991.

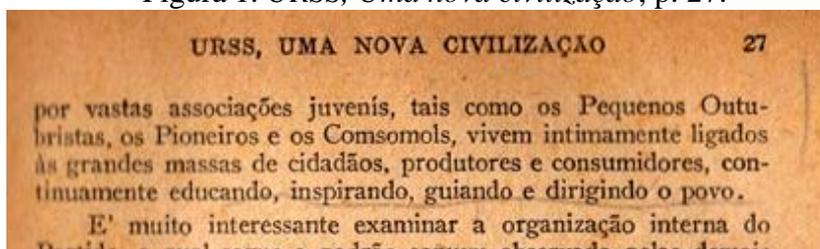
REMÉDIOS, Maria Luiza. O empreendimento autobiográfico: Josué Guimarães e Erico Verissimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

WEBB Sidney; WEBB Beatrice. *URSS, Uma nova civilização*. Rio de Janeiro: Calvino, 1945.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.

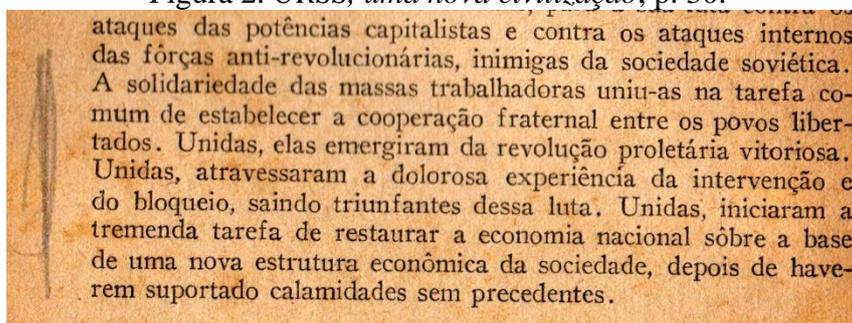
ANEXOS

Figura 1. *URSS, Uma nova civilização*, p. 27.



Fonte: ALJOG/UPF

Figura 2. *URSS, uma nova civilização*, p. 30.



Fonte: ALJOG/UPF